

QUEM FOI QUE FALOU EM FREVO? EM PERNAMBUCO SE SAMBA, E MUITO!

*Ivaldo Marciano de França Lima**

Resumo: Durante toda a metade do século XX, e mesmo nos dias atuais, grande parte da mídia e dos poderes públicos pernambucanos divulga a ideia de que Pernambuco é a terra do frevo, e Recife a sua capital. No geral, o trade turístico se apoia nos símbolos deste ritmo, a exemplo da sombrinha ou das imagens de foliões frevando. Neste sentido, Recife e o frevo possuem uma relação visceral, como se ambos fossem sinônimos. Entretanto, os jornais dos anos 1950 a 1990 atesta que as escolas de samba gozavam de grande prestígio. As escolas de samba levavam inúmeras pessoas às ruas, e existiam em número maior do que as agremiações do frevo, sobretudo entre os anos 1960 e 1990. Este artigo objetiva discutir as questões em torno do silêncio sobre o samba pernambucano, bem como parte das estratégias que os sambistas construíram para manter suas escolas de samba em pleno funcionamento, apoiando-se nos jornais pernambucanos dos anos 1960 a 1990.

Palavras-chave: Escolas de samba; Frevo; Carnaval recifense.

Abstract: Throughout the mid-twentieth century, and even today, much of the mass media and the government disseminates the idea that Pernambuco is the land of the frevo, and his capital is Recife. Overall, the tourism relies on the symbols of this rhythm, like the umbrella, or images of carnival revelers frevando. In this sense, Recife and frevo have a vital relationship, as if they were synonyms. However, if the newspapers that we look it up in the period between the years 1950 to 1990, we see that the samba schools and the rhythm itself enjoyed great prestige. The samba schools led many people to the streets, and there were greater in number than the associations of the frevo, especially between 1960 and 1990. In the other hand, there are no articles or books that discuss about this cultural event. This paper, in this way, aims to discuss the problems and questions around this strange silence, as well as part of the strategies that built samba dancers to keep their samba schools in full operation. We used in this research, as sources, the newspapers of the years 1960 to 1990.

Keywords: Schools of samba, Frevo; Carnival in Recife.

O carnaval do Recife está pegando fogo! Estão todos preparando suas fantasias... Vai entrar na passarela o Império do Samba. Em seguida será a vez de Sambista do Cordeiro. Limonil e Galeria do Ritmo também estão com os tamborins esquentando. A escolha do samba enredo da Deixa Falar foi um sucesso. Mas esta não é a escola das mais badaladas. O público está à espera mesmo de Estudantes de São José e Gigantes do Samba. Estas são as que gozam da simpatia dos populares. Os jornais do dia seguinte certamente estamparão em suas páginas os erros e acertos dos seus desfiles. Estudantes é a preferida dos setores médios, intelectuais e jornalistas, bem como dos populares do bairro de São José. Gigantes do Samba é a que desfruta do amor dos mais humildes, na zona norte do Recife. Certamente é a mais prestigiada entre os que amam o samba.

O leitor e a leitora devem estar se perguntando se não há nada de errado nestas linhas. Não é mesmo? Sim senhor, sim senhora. Ainda hoje as escolas de samba mobilizam um

* Professor adjunto do Departamento de Educação/ Colegiado de História da UNEB, campus II.

número significativo de pessoas, desfilando sempre na segunda feira de carnaval na passarela oficial da Avenida Nossa Senhora do Carmo, no centro da capital pernambucana. Atrai grande público para as arquibancadas e rivaliza em pé de igualdade com os maracatus nação, manifestação cultural de maior força no carnaval contemporâneo. Os clubes carnavalescos, no entanto, não gozam de tanta força como nos anos anteriores. Ainda hoje diversas agremiações carnavalescas desfilam nas ruas e nas passarelas do carnaval pernambucano, e dentre elas as escolas de samba. Se atualmente ainda possuem significativa força entre os populares, em um passado recente disputavam a hegemonia do carnaval com as agremiações de frevo. A força das escolas de samba pernambucanas, bem como do samba propriamente dito, podem ser atestadas nas diferentes matérias de jornais ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980.¹ A significativa quantidade de escolas de samba, bem como dos integrantes destas mostram parte da energia e vigor que esta manifestação reuniu nos anos citados. Não havia carnaval de clube, ou encontros festivos de rua que não fossem regados ao som do frevo e do samba. E esta situação gerou debates entre os jornalistas, músicos e intelectuais recifenses.

Durante muitos anos houve grandes contendas entre os defensores do “carnaval pernambucano”, livre das “influências externas”, e os sambistas, que faziam (e ainda fazem nos dias atuais) o samba nas ruas da capital pernambucana em plena folia de Momo. Atualmente, entretanto, já não há mais querelas entre os defensores de um ritmo contra o outro. Ao menos com a visibilidade de antes. O modelo e o contexto do carnaval multicultural recifense não permitem mais disputas e antipatias contra as manifestações culturais tidas como “estrangeiras”. Mas em um passado recente, a situação não era bem esta. Entre a década de 1960 até o início dos anos 1990 quem dava as cartas da folia recifense eram o samba e o frevo.

Este debate sobre a legitimidade das manifestações culturais no carnaval pernambucano teve como questão central a ideia de origem das práticas e costumes culturais.² Para Mário Melo, importante personalidade pernambucana dos anos 1940 e 1950, o samba era

¹ Frevo e samba de mãos dadas, Última Hora, 09/01/1964, p. 08; Carnaval com frevo e samba é melhor, Última Hora, 23/02/1964, p. 04; A elevação do samba, Última Hora, 29/02/1964, p. 08; Estudantes deu uma aula de samba na terra do frevo, Diário da Noite, 03/03/1965, p. 01; Melhor carnaval do mundo é mesmo no Rio de Janeiro, Diário da Noite, 06/03/1965, p. 04; Escolas de samba iriam desfilas “sábado gordo”, Diário da Noite, 12/01/1966, p. 02; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba, Diário da Noite, 19/01/1967, p. 06; Paulo Fernando Craveiro pergunta por que imitar o som dos outros? Diário da Noite, 18/01/1968, p. 04; Onda maior contra o frevo, Diário da Noite, 23/01/1968, p. 01; Frevo com outro concorrente: “Bafo de Onça” tem sua filial no Recife, Diário da Noite, 23/01/1968, p. 02; Posição do frevo ainda é considerada satisfatória, Diário da Noite, 06/02/1968, p. 02; Estudantes com “meio século de samba” contra o frevo, Diário da Noite, 20/02/1968, p. 10; Escolas dominaram na segunda, Diário da Noite, 19/02/1969, p. 02 – 1º caderno, 1ª edição; Escolas de samba mais fortes que clubes de frevo, Diário da Noite, 19/02/1969, p. 08 - 2º caderno, 1ª edição; Frevo não morreu, mas vai muito mal, Diário da Noite, 16/02/1971, p. 01; Sambistas desceram do morro para saudar vitória de Gigantes. Diário da Noite, 24/02/1971, p. 01 – 2º caderno, 2ª edição; Fracasso do frevo – a culpa é mesmo da COC? Diário da Noite, 24/02/1971, p. 01, 1ª edição; Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela, Diário da Noite, 12/02/1975, p. 06; O desfile das escolas de samba o foi o auge do carnaval, Diário da Noite, 12/02/1975, p. 01; Escolas de samba, Diário da Noite, 06/02/1975, p. 04; Frevo e samba, Diário de Pernambuco, 30/04/1975, 2º caderno, p. 07; Samba e frevo para animar o recifense, Diário de Pernambuco, 24/01/1981, p. b9; O lugar do frevo, Jornal da Cidade, 09/11 a 15/11/1975, p. 03; Escolas de samba empolgam na passarela, Jornal da Cidade, 07/03 a 13/03/1976, p. 12; Escolas de samba dão um show na terra do frevo, Folha de Pernambuco, 09/02/1989, p. 05.

² Fiz discussão semelhante, sobre os afoxés e o carnaval recifense em LIMA, 2009a; 2009b.

carioca, portanto, indigno de existir por estas terras.³ Até mesmo Gilberto Freyre, no manifesto intitulado “*Recifense sim, sub-carioca não!*”, classificou os admiradores e amantes do samba pernambucano como adeptos do calabarismo, aludindo à suposta traição de Calabar às tropas pernambucanas, que lutavam contra os holandeses durante a ocupação batava no nordeste brasileiro na primeira metade do século XVII. Basta uma rápida análise do título deste manifesto para observarmos que o tom não era dos melhores em relação às escolas de samba:

Recifense, sim, subcarioca, não!

[...] A traição ostensiva às tradições mais características de Pernambuco no que se refere a expressões carnavalescas. Um carnaval do Recife em que comecem a predominar escolas de samba ou qualquer outro exotismo dirigido, já não é um carnaval recifense ou pernambucano: é um inexpressível, postiço e até caricaturesco carnaval sub-carioca ou sub-isso ou sub-aquilo. De modo que a inesperada predominância, no carnaval deste ano, do samba subcarioca, deve alarmar, inquietar e despertar o brio de todo bom pernambucano: é preciso que a invasão seja detida; e que o carnaval de 67 volte a ser espontaneamente recifense e caracteristicamente pernambucano. Se há algum calabarismo a trair o carnaval do Recife, a favor de um carnaval estranho, que seja o quanto antes dominado este calabarismo. Afinal, como se explica a repentina organização de não sei quantas escolas de samba subcarioca na Cidade do Recife? A que plano obedece tal organização? Com que objetivo ela está se perpetuando? Eleitoralismo disfarçado? Estará havendo politiquice de qualquer espécie através do carnaval? Inocentes úteis estarão em jogo? Ou colapso da tradição carnavalesca no Recife por simples e passivo furor de imitação do exótico furor tão contrário ao brio recifense [...].⁴

Nesse sentido, de acordo com Freyre, os sambistas pernambucanos eram “traidores das práticas e costumes culturais da terra”. O manifesto foi publicado nos dois maiores jornais da cidade, e repercutiu com grande força nos meios intelectuais da cidade. A ideia de uma origem, possível de ser identificada e localizada no tempo e no espaço, no que se refere às práticas e costumes culturais, era dotada de grande significado e valor, tanto entre os populares, como nos meios da intelectualidade local. A origem da prática cultural é fundamental para atestar sua legitimidade. Mas esta não foi uma discussão exclusiva entre os intelectuais e organizadores do carnaval pernambucano. Percebe-se também a importância desta questão nos meios acadêmicos, sobretudo em diversos trabalhos sobre o samba e as

³ Mário Melo nasceu no Recife, em 05/02/1884, no antigo Engenho Barbalho, atual bairro da Iputinga. Formado em Direito, exerceu também as funções de jornalista (trabalhou nos jornais Folha do Povo, Correio do Recife, Jornal Pequeno, A Província, Diário de Pernambuco e Jornal do Commercio, dentre outros). Foi deputado estadual, eleito pelo PSD em 1947, membro do IAGHPE, presidente da Federação Carnavalesca, dentre outras entidades públicas. Morreu em 24/05/1959.

⁴ FREYRE, Gilberto. *Recifense, sim, subcarioca, não!* Diário de Pernambuco, 27/02/1966. Os negritos são de minha autoria. O texto em questão também foi publicado no Jornal do Commercio, no mesmo dia. Gilberto Freyre foi um dos mais influentes intelectuais pernambucanos. Nasceu no Recife em 15/03/1900, e faleceu nesta mesma cidade, em 18/07/1987. É autor de várias obras, das quais Casa Grande e Senzala, sem dúvida a mais conhecida deste autor.

escolas cariocas. A polêmica envolvendo diferentes estudiosos teve como ponto central a questão da origem, ou seja, se o samba nasceu na Bahia, ou no Rio de Janeiro (MUSSA; SIMAS, 2010; COUTINHO, 2006; COSTA, 2001; CABRAL, 1996; DINIZ, 2008). Ressalte-se que também existiram estudiosos em outra perspectiva, ora negando, ora tangenciando o debate sobre as origens em torno das escolas de samba (CUNHA, 2001; FERREIRA, 2005; MOURA, 2004; SANDRONI, 2001).

Esta polêmica, nesse aspecto, foi acompanhada de perto por jornalistas e estudiosos pernambucanos, mesmo que de forma indireta, através da ação de folcloristas e agentes dos órgãos públicos responsáveis pela organização do carnaval e festas em geral. As páginas dos jornais esboçam diversas campanhas (ou mesmo críticas) contra a presença das escolas de samba em Pernambuco, movidas por diferentes estudiosos, jornalistas e mesmo músicos famosos, como o maestro Nelson Ferreira.⁵ Nos anos 1960 e 1970 é possível perceber a existência de uma forte disputa entre os defensores do carnaval “pernambucano”, consubstanciado no frevo, contra as escolas de samba, uma vez que estas eram consideradas uma manifestação “estrangeira” que “contaminava” o carnaval pernambucano.⁶ A matéria abaixo nos permite perceber a forma como as questões envolvendo o samba e o frevo eram vistas nos jornais. Parte significativa dos jornalistas expressava estas opiniões:

[...] O carnaval pernambucano não comporta uma guerra aberta contra o samba carioca. Simplesmente por que não existe guerra, e sim, a defesa daquilo que nos pertence por tradição rítmica e folclórica. A preservação do frevo e do maracatu é a preservação do próprio carnaval pernambucano, que tem nos seus ritmos próprios e na sua coreografia as características tradicionais da mais pura tradição pernambucana. [...] Não há propriamente uma guerra aberta contra o samba carioca ou paulista. Quando Nelson Ferreira, eu e outros músicos defendemos o frevo com

⁵ Nelson Heráclito Alves Ferreira, ou simplesmente Nelson Ferreira, nasceu em Bonito em 09/12/1902. Pode ser considerado como um dos mais populares compositores de frevo pernambucanos, ao lado de Capiba. Compôs diversos frevos famosos, a exemplo das sete evocações (cada uma contando histórias sobre personalidades pernambucanas já mortas), Foi diretor artístico da Rádio Clube de Pernambuco, diretor da Gravadora Rozenblit e regente de várias orquestras de frevo. Entre os anos de 1950 até o seu falecimento, ocorrido no dia 21 de dezembro de 1976, Nelson Ferreira era um dos mais influentes homens no cenário da política local. Venceu diversos concursos de músicas carnavalescas e ocupou por muitos anos o lugar da de representante da sociedade civil na COC – Comissão Organizadora do Carnaval.

⁶ O samba venceu nos Guararapes, Diário da Noite, 28/02/1962, p. 01; Um show de samba na terra do frevo, Diário da Noite, 07/03/1962, p. 08; Nelson Ferreira defende o frevo, Diário da Noite, 09/03/1962, p. 06; Em ritmo de samba, Última Hora, 11/03/1964, p. 09; Levino não é contra o samba, mas quer um carnaval bem quente, Diário da Noite, 25/01/1967, p. 07; Carnaval do Recife está nas ruas, não esqueçam que o frevo é nosso, Diário da Noite, 26/01/1967, p. 07; Músicas cariocas abafaram no carnaval pernambucano, Diário da Noite, 08/02/1967, p. 02, 2ª edição; Compositor vê decadência no frevo, Diário da Noite, 13/02/1968, p. 10; Carnaval de rua perdeu de novo, Diário da Noite, 28/02/1968, p. 12, 1ª edição; Samba ganhou mais pontos, Diário da Noite, 28/02/1968, p. 16, 1ª edição; Escolas de samba mais fortes que clubes de frevo, Diário da Noite, 19/02/1969, p. 08 - 2º caderno, 1ª edição; Escolas de samba fizeram o sucesso da passarela, Diário da Noite, 12/02/1975, p. 06; O desfile das escolas de samba o foi o auge do carnaval, Diário da Noite, 12/02/1975, p. 01; Frevo cede terreno para samba, Diário de Pernambuco, 06/12/1975, 1º caderno, p. 03; Frevo morre: amorfina-se o povo pernambucano? Diário de Pernambuco, 26/02/1976, 2º caderno, p. 05; Estado atual do frevo, Diário de Pernambuco, 29/02/1976, 2º caderno, p. 12; Defesa do frevo, Paulo Fernando Craveiro, Diário de Pernambuco, 05/02/1981, p. a6; Um carnaval em declínio, Jornal da Cidade, 09 a 15/02/1975, p. 04; Nascimento não quer a morte do frevo, Jornal da Cidade, 07/12 a 13/12/1975, p. 14; Capital do frevo? Jornal da Cidade, 07/12 a 13/12/1976, p. 07; Disputa do frevo com o samba, Folha de Pernambuco, 05/02/1989, p. 01.

tanta veemência estamos a defender o nosso carnaval, a preservação rítmica e folclórica. Ninguém vem a Pernambuco para ver ou ouvir samba, mas o frevo, o maracatu, que tem aqui o seu habitat, para ver os passistas e a incrível coreografia desses ritmos; do mesmo modo que o turista vai ao Rio observar as escolas de samba com os seus préstitos fabulosos e suas orquestras e baterias gigantescas [...].⁷

A ideia de que uma prática ou costume cultural possui origem em determinado território não pode ser desprezada nos estudos e trabalhos acadêmicos contemporâneos. Em outros trabalhos discuti esta questão, mostrando que a origem das práticas está irremediavelmente perdida no tempo e no espaço (LIMA, 2005; 2008). Nesse aspecto, não é possível afirmar que o samba tenha nascido na Bahia, Rio de Janeiro, ou mesmo no sertão pernambucano, como afirmou Bernardo Alves (2002). Assim como o maracatu e a capoeira, o samba foi fruto de diferentes contribuições, nos mais diversos territórios, e com inúmeros protagonistas. Os poucos estudos sobre o samba pernambucano o definem ora como fruto de uma transposição do Rio de Janeiro, ora como um caso de difusão cultural (REAL, 1965; BENJAMIN, 1991). Neste sentido, o samba foi apontado como de origem carioca, logo, “estrangeiro”. Ressalte-se que os poucos trabalhos existentes sobre o samba em Pernambuco estão pautados nessa questão, excetuando-se, evidentemente, os mais recentes (LIMA, 2010; SILVA, 2011).

Uma prática ou costume cultural não pode ser vista como originária de um único ponto ou lugar. A origem de uma prática cultural é impossível de ser encontrada ou demarcada no tempo e no espaço, posto que estas sejam permeadas de várias outras contribuições que à prática vão sendo somadas (FOUCALT, 1984). Além do que, encontrar a origem de algo não é garantia de explicações ou entendimento da “coisa”. A origem perdeu-se no tempo e no espaço, foi morta pelas aventuras do cotidiano. E por mais que tivéssemos como encontrar o ponto primordial de uma manifestação cultural, isso não bastaria para explicar a complexidade que uma invenção feita por homens e mulheres carrega consigo ao longo do tempo, como afirmou Rocha (1985), “A origem de uma coisa não garante a explicação do seu estado atual”. As escolas de samba podem até ser vistas como fenômeno dotado de grande força no Rio de Janeiro, mas isso não autoriza ninguém a dizer que o ritmo e a música constituem produto exclusivo deste lugar. As práticas culturais resultam de diálogos e trocas diversas, podendo surgir de diferentes pontos ao mesmo tempo.

Para além desta questão, independente de ser o samba carioca ou não, importa dizer que desde os fins do século XIX desfilavam nas ruas do Recife agremiações denominadas sambas. Apareceram em algumas listas de licença dos carnavais dos anos 1880 e 1890, bem como nas duas primeiras décadas do século XX. Não há como descrevê-los devido à inexistência de imagens. Não foram encontrados registros fonográficos dando conta do tipo de música que faziam, quais instrumentos usavam, e os motivos que propiciavam sua existência enquanto grupos distintos das demais agremiações carnavalescas do Recife. Pode-se afirmar que os jornalistas, ao informar sobre as agremiações que recebiam as licenças para desfilar nos carnavais dos anos citados, estabeleciam as distinções entre um maracatu, um

⁷ Declínio do Carnaval de rua ameaça frevo. Gíngua do samba faz guerra e quer liderança. Diário da Noite. 24/01/1967, p. 7. O texto é de José Gonçalves de Oliveira. Os negritos são de minha autoria.

samba e os demais grupos carnavalescos da época. Em outras palavras, os jornalistas do final do século XIX e início do XX, podiam até não dispor do consenso para saber dos detalhes e das diferenças de cada grupo, mas seguramente dispunha das características destes grupos de samba e dos maracatus, posto que apenas estas duas modalidades eram listadas em separado das demais agremiações. Portanto, a denominação empregada para estes grupos não era aleatória ou arbitrária. Estava baseada, ao menos, na denominação que era utilizada pelos integrantes destes grupos:

Carnaval:

Já estão devidamente licenciados pelo Sr. Dr. Chefe de polícia os seguintes clubs carnavalescos, que deverão percorrer as ruas da capital, nos próximos dias:

[...] Sambas – Quatro de Ouro, 3 de Ouro, Flor do Dia.⁸

Gazetilha. Clubs e sociedades carnavalescas.

Na Secretaria de Polícia pediram e obtiveram licença para percorrer as ruas da capital, hoje, amanhã e depois, os seguintes clubs e sociedades carnavalescas:

[...] Samba Trez de Ouro – Director, Paulo José Pinheiro; sede – Rua de São João.

[...] Samba Trez Estrellas – Director, Joaquim José da Costa; sede – Rua do Príncipe, 28.

[...] Samba Flor do Dia – Director, José Severiano de Andrade; sede – Rua da Matriz, 38 (Boa Vista).

[...] Samba Primeiro Anno – Director, João Romão de Sá Peixoto; sede – Rua da Jangada (Segundo Districto de São José).

[...] Samba Flor da Aurora – Director, Lourenço André da Silva; sede – Rua do Feitosa (Belém)

[...] Samba Dois de Dezembro – Directora Maria Joaquina do Espírito santo; sede – Rua da Guia, 42.⁹

Gazetilha. Licença da polícia.

Eis a relação dos clubs, maracatus, sambas e grupos que tem licença da Questura para percorrer as ruas da cidade durante os três dias do carnaval.

[...] Samba: Primavera, Flor D´Aurora, Três Estrellas, Flor do Dia e Flor de Olinda.¹⁰

Gazetilha. Carnaval.

Damos em seguida, os títulos das associações carnavalescas que obtiveram licença da polícia para se exhibirem nos três dias de carnaval:

[...] Flor do Dia [...] Três Estrellas.

⁸ Carnaval. A Província, 06/02/1891, p. 02; Carnaval. A Província, 08/02/1891, p. 01.

⁹ Gazetilha – Clubs e sociedades carnavalescas. Jornal do Recife, 28/02/1892, p. 02 – 03. Nesta mesma lista aparecem os nomes de oito maracatus. 98 agremiações carnavalescas foram licenciadas neste ano. No Jornal do Recife, 11/02/1893, p. 03, as agremiações Trez Estrellas, Sete de Setembro, Samba Flor da Aurora, Raio de Sol e Flor do Dia aparece listada como maracatus.

¹⁰ Gazetilha. Jornal do Recife, 28/02/1897, p. 02. Aparecem 83 agremiações listadas no total.

Gazetilha.

[...] Clubs carnavalescos. Obtiveram licença da polícia para exibirem-se os seguintes clubs carnavalescos:

[...] Sambas - Flor do Dia e Flor D'Aurora.¹¹

Que ritmo executavam e que instrumentos usavam estas agremiações denominadas por sambas, no Recife, é parte de um enigma ainda sem resposta, mas o certo é que as influências que foram trazidas do Rio de Janeiro e de outros lugares foram mescladas aos modos, costumes e práticas pré-existentes na capital pernambucana. E mesmo não possuindo muitas informações a respeito destas agremiações denominadas sambas, Maia (2008) nos indica que estes grupos eram objeto da preferência dos homens negros, conforme a documentação levantada. Os jornais do período indicam também que existiam casas em que o samba era tocado ao longo do ano. O que temos, diante destas questões, é a certeza de que o samba praticado em Pernambuco não pode ser descrito como uma prática trazida deste ou daquele lugar.

Os grupos de carnaval que foram denominados por “sambas”, ainda no final do século XIX, merecem ser mais estudados. Para esta questão importa afirmar que ouvi de Mestre Lavanca, antigo sambista pernambucano, que ele havia ensinado aos integrantes de um grupo denominado “Flor do Dia” a “forma correta” de se dançar o samba. Flor do Dia foi um destes grupos de samba do final do século XIX e que existiu até meados dos anos 1940. Para Lavanca faziam samba de forma errada. Como seria esse samba errado? E qual a forma correta? Pode-se pensar em Lavanca como um dos responsáveis pela “difusão” das práticas advindas das escolas de samba cariocas em Pernambuco?

Samba em Pernambuco: uma transposição de práticas cariocas?

Para Katarina Real as escolas de samba pernambucanas constituem uma presença bastante antiga no carnaval recifense, localizando na década de 1940 o aparecimento destas agremiações, conforme escreveu em sua obra *O folclore no carnaval do Recife* (1965). Além da informação acima citada, a autora nos diz que estas escolas de samba também representavam uma fonte de preocupação para os integrantes das agremiações mais “tradicionais”. Colocava em risco a primazia do frevo em terras pernambucanas.

Mas, de onde vinham estas agremiações carnavalescas? Para a autora, as escolas de samba, e o samba propriamente dito, não eram, de fato, práticas pernambucanas, mas “um grande caso de difusão cultural do Rio de Janeiro para Pernambuco” (REAL, 1947, p. 47). Uma transposição carioca para os pernambucanos tomarem para si. Algo que talvez não representasse tantos problemas entre seres humanos acostumados com as trocas culturais desde os primórdios da pré-história, mas não em se tratando do contexto a que me refiro: se o samba e as suas escolas não eram pernambucanos, não possuíam legitimidade e não deveriam

¹¹ Gazetilha. Jornal do Recife, 10/02/1899, p. 2. Aparecem 60 agremiações listadas no total.

existir nestas terras. Eis os motivos que explicam a perseguição movida por setores significativos da intelectualidade pernambucana contra as escolas de samba. Contudo, os populares sambaram (e sambam) mesmo assim!

Quem construía e integrava as escolas de samba não eram os cariocas ou alienígenas que vinham para o Recife nos momentos de folga, mas os próprios pernambucanos, que não viam problemas em associar o samba ao seu caldeirão de práticas culturais. Por mais que tenham contribuído para a exaltação dos ânimos, nem todos os intelectuais percorreram o caminho da discórdia e da defenestração das escolas de samba, e houve mesmo quem as entendesse como escolhas conscientes dos pernambucanos e fruto da invenção popular, a exemplo de Waldemar de Oliveira, teatrólogo que trabalhou em suas obras com a cultura popular. Em seus esforços para compreender o que se passava no carnaval pernambucano dos anos 1960, e enredado pelas tramas dos campos intelectuais aos quais estava imerso, percebeu que as escolas de samba não poderiam ser vistas como meras transposições de cariocas por estas nossas terras:

[...] Anote-se, por exemplo o domínio crescente das escolas de samba, no carnaval do Recife. Surgem numerosas delas, cada qual aumentando, ano a ano, os seus efetivos. Ninguém vai admitir que se tenha estabelecido de repente, do Rio para o Recife, tão elevada – e especializada – corrente migratória. É, ao contrário, gente que vai deixando, por elas, os maracatus, os caboclinhos, seus clubes de ruas, suas troças e seus blocos, em suma – os seus velhos amores, por novos; e em muitos casos levando para o sassaricado do samba, o seu curso completo de passo. Ou isso ou vem adolecendo para o carnaval já se decidindo pelo samba, força nova, “estrangeira”, com modos de quinta-coluna se insinuando nos arraiais da folia pernambucana [...] (Os negritos são de minha autoria). (OLIVEIRA, 1966, p. 12).

O texto de Waldemar de Oliveira, exposto acima, nos permite perceber algumas dissensões entre os pontos de vista existentes no Recife dos anos 1960. As escolas de samba eram, na visão deste autor, uma escolha consciente. Não nos esqueçamos, prezado leitor, que no mesmo ano em que foi publicado este trabalho de Waldemar de Oliveira, o manifesto contra o carnaval “subcarioca” já havia ganhado as ruas, estampados nas páginas dos dois maiores jornais recifenses, o *Diário de Pernambuco* e o *Jornal do Commercio*. Talvez por isso Waldemar de Oliveira tenha tentado negociar suas palavras, para não causar antipatias ou esboçar um confronto indesejado com o poderoso Gilberto Freyre. São pernambucanos que fazem parte das escolas de samba, mas levam consigo “o curso completo do passo”, indicando que dentro de algum tempo este samba será “contaminado” pelos germes da cultura local.

As práticas existentes entre os integrantes das escolas de samba pernambucanas constituem algo de grande complexidade. O samba, ao que me parece, foi se constituindo em um processo de influências do frevo e de outras práticas culturais, em meio às imitações das escolas de samba cariocas. Afinal de contas, desde os anos 1970 que as televisões transmitem os seus desfiles em âmbito nacional. Certamente que as influências existem. Nenhuma invenção ou construção surge do nada, mas sempre em composição e diálogo com o cotidiano. Além do que, segundo Aristóteles (1996), mesmo que se reivindique uma cópia ou imitação, esta será sempre uma criação.

As escolas de samba, que arrebatavam os corações e as mentes de grande parte dos foliões e das foliãs pernambucanas, não eram formadas por grupos homogêneos. Existiam as escolas que mesclavam instrumentos de percussão e sopro em suas baterias, a exemplo de Estudantes de São José, bem como havia aquelas que praticavam um modelo de samba mais próximo do que era executado no Rio de Janeiro, a exemplo do GRES Gigantes do Samba, ou seja, sem a presença dos instrumentos de sopro. Zezinho do Trombone era um dos maiores nomes de Estudantes de São José, que ainda utilizava, segundo matérias de jornal, instrumentos de sopro em sua bateria. A “disputa” entre o frevo e o samba conviveu durante muito tempo com a existência de contendidas entre os sambistas, uma vez que parte destes defendia a supressão dos instrumentos de sopro, e isso desde os anos 1960. Mestre Lavanca, um dos maiores nomes da história do samba pernambucano, era ardoroso defensor do “samba puro”, sem a presença dos instrumentos de sopro. Morto há quase trinta anos, sua memória ainda é bastante significativa entre os sambistas da atualidade.

Estes “pernambucanos” que integravam (e integram!) as escolas de samba não estavam fazendo uma cópia “ipsis literis” das suas congêneres cariocas, que por sinal também estavam em processo de mudanças. O samba existente no Recife pode ser apontado como uma composição de práticas trazidas do Rio de Janeiro com outras aqui existentes. A adoção de instrumentos de sopro pela grande maioria das escolas existentes no Recife dos anos de 1960 mostra uma tensa negociação entre o que era trazido do Rio de Janeiro com o que era feito localmente. Atualmente nenhuma escola de samba adota instrumentos de sopro em suas baterias, mas as “charangas” existentes nos estádios de futebol ainda continuam firmes e fortes.¹² Mas e o que vem a ser mesmo este samba praticado no Recife? De onde veio? E o que representava em um contexto tão marcado pelos discursos da pernambucanidade?

Uma boa hipótese é pensar no fato de que o samba já existia no Recife, deixando de lado a ideia da “origem carioca”. Isto se apoia também na existência dos grupos de sambas no final do século XIX. Pouco se sabe a respeito dos mesmos, conforme já indiquei, mas é possível intuir que este samba já existente em Pernambuco tenha recebido novas contribuições do Rio de Janeiro, resultando no formato do samba feito pelo GRES Estudantes de São José, ou em outros anteriores ao que era praticado largamente pela maioria das escolas locais.

Escolas de samba em Pernambuco: entre a ilegitimidade junto aos estudiosos e o sucesso popular

Samba em Pernambuco? Passarela na terra do frevo? Escolas de samba amadas pelos populares? Sim senhor, sim senhora. No Recife, durante os anos 1950, 1960, 1970, 1980 e início dos anos 1990 quem dava as cartas da folia carnavalesca eram o samba e o frevo.

¹² Charangas: em geral são constituídas de músicos que executam instrumentos de percussão aliados a instrumentos de sopro. Podem executar frevos de rua, bem como sambas populares, todos na base da combinação entre o sopro e a percussão. Seguramente as charangas que ainda hoje animam os jogos do Santa Cruz FC, no estádio do Arruda, constituem uma aproximação de como eram as baterias da maior parte das escolas de samba pernambucanas dos anos 1950 e 1960.

Mesmo nos dias atuais, as escolas de samba ainda mobilizam um número significativo de pessoas, apesar de não mais reunirem a mesma força de outrora. Estes dois ritmos, o samba e o frevo, por sinal, eram presença certa nos mais diversos carnavais organizados pelos clubes da classe média recifense. Diversas notícias destes, a exemplo do Umuarama, Santa Cruz, Náutico, Português, Internacional, dentre outros, apontam que o samba, juntamente com o frevo, representava os sinônimos do que era verdadeiramente brincar o carnaval na época.¹³

Esta combinação gerou um samba orquestrado, que ainda hoje é executado pelas “charangas” nas arquibancadas dos clubes de futebol pernambucanos. E os desfiles na passarela eram o termômetro de quem efetivamente dominava o cenário. Inicialmente localizada na Praça do Diário, a passarela foi deslocada para diferentes locais ao longo dos anos, chegando a ser montada em diferentes momentos nas avenidas Conde da Boa Vista, Guararapes e Dantas Barreto, principais vias do centro da cidade recifense (LIMA, 2010). Ainda hoje os desfiles ocorrem no centro da cidade, em três passarelas distintas: Avenida Nossa Senhora do Carmo (agremiações do grupo especial), Guararapes (primeiro grupo) e Pátio de Santa Cruz (segundo grupo). Em todas há escolas de samba, desfilando com suas fantasias, carros alegóricos, bateria, mestre sala e porta bandeira, entoando os sambas enredo escolhidos no ano anterior.

Os números divulgados pelos jornais, enfatizando a presença do samba na avenida, mostravam que o mais esperado era mesmo o resultado do concurso das escolas de samba, pois estas aglutinavam uma enorme popularidade tanto entre as pessoas de classe média, como também entre os populares. Mas, se o samba fazia sucesso na terra do frevo, isso não significa dizer que tudo existia em perfeita ordem e harmonia. Houve até quem desejasse limitar a execução do samba a um percentual cinco vezes menor do que o frevo, questão que foi objeto de notícia no *Diário da Noite*, na matéria intitulada “Samba e frevo”, publicada em 05/01/1966, p. 02. Alguns integrantes da COC tentaram diminuir a força e popularidade das escolas de samba, jogando seus desfiles para o sábado de Zé Pereira, contrariando o costume das mesmas de terem suas exposições na segunda feira de carnaval.¹⁴ Este fato foi objeto de notícia no *Diário da Noite*, em 12/01/1966, sob o título “Escolas de samba iriam desfilarem no sábado gordo”. Outra matéria de jornal nos indica as pistas de como este tema mobilizou corações e mentes dos intelectuais nas páginas dos jornais: “São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba”, publicada no *Diário da Noite*, em 19/01/1967, p. 06. Estas reportagens

¹³ Carnaval com frevo e samba é melhor. Ziguezague, Última hora. 23/02/1964, p. 4, 2º caderno; Frevo e samba na aleluia da Rosa Amarela. Diário da Noite, 19/04/1965, p. 07; Samba está crescendo na capital quente do frevo. Diário da Noite, 03/03/1965, p. 11; Samba e frevo. Diário da Noite, 05/01/1966, p. 02; Folião não dá bola para guerra samba – frevo e brinca a vontade. Diário da Noite, 20/01/1966, p. 02; Samba e carnaval novo remédio para os nervos. Diário da Noite, 17/09/1966, p. 06; Frevo e samba no carnaval, Recife em foco. Diário da Noite, 27/12/1966, p. 04; São falsas as razões da “guerra fria” contra o samba. Diário da Noite, 19/01/1967, p. 6; Samba e frevo no réveillon do Wolff. Diário da Noite, 28/12/1967, p. 8; Cortejo e samba. Diário da Noite, 01/12/1969, p. 8, 1º caderno.

¹⁴ A Comissão Organizadora do Carnaval foi a responsável pela preparação do carnaval em todos os sentidos, entre os anos de 1965 a 1970. A ela eram atribuídas as funções de cuidar dos concursos das agremiações e de músicas carnavalescas, além da decoração da cidade. Era formada por representantes do poder público municipal e sociedade civil. Foi substituída em 1972 pela Comissão Promotora do Carnaval – CPC, um órgão semelhante à COC, diferindo no fato de que os seus membros eram permanentes nos cargos. A CPC foi esvaziada, e por fim extinta, ao longo dos anos 1970. Em seu lugar ficou a EMETUR, que foi extinta em 1979, devido à criação da FCCR, em 26 de abril de 1979.

mostram as tensões existentes numa cidade que possuía intelectuais defensores do frevo e dos “ritmos da terra” de um lado, e os sambistas de outro.

No ano de 1968 a maior agremiação em número de componentes foi Estudantes de São José (com aproximados trezentos figurantes), a grande rival de Gigantes do Samba ao longo dos anos 1960 a 1980.¹⁵ Nos dias atuais algumas escolas de samba reúnem em torno de mil figurantes. As maiores, Gigantes do Samba e Galeria do Ritmo, conseguem exibir entre dois a três mil figurantes, mas estas são à exceção da regra. As agremiações que executavam o frevo, ao longo dos anos 1960, não dispunham do mesmo número de integrantes.

Eram as escolas de samba que lotavam as arquibancadas das passarelas. Ainda hoje levam grande público para o desfile, mas não se constituem no ponto alto do carnaval, como nas décadas anteriores. As escolas existiam em grande número. Chegaram a estar presentes e organizadas em três diferentes entidades: FESAPE, AESP e FCP.¹⁶ Este era o carnaval recifense, extremamente disputado por diferentes expressões culturais. Nas ruas da cidade desfilavam (e ainda desfilam), ursos, bois, agremiações de frevo (clubes, troças e blocos), caboclinhos, maracatus de orquestra e maracatus nação. Mas eram as escolas de samba as mais numerosas em termos de figurantes. Constituía o luxo e o glamour dos desfiles. Era o ponto alto do espetáculo de carnaval da “terra do frevo”.

E despertavam pesados debates entre “defensores dos ritmos da terra” e aqueles que não viam problemas em ver e admirar os desfiles das escolas de samba. Uma destas polêmicas estampou as páginas do *Diário da Noite*, em 09/03/1962. Nelson Ferreira, compositor e maestro de bandas e orquestras carnavalescas, discordou de Aramis Trindade, quando este escreveu a matéria “Um show de samba”, em 07/03/1962. Aramis defendeu que Estudantes de São José, a escola campeã deste ano, promoveu um espetáculo inigualável, superior ao que foi mostrado pelas demais agremiações carnavalescas. Nelson Ferreira, em resposta a Aramis, na matéria intitulada “Nelson Ferreira defende o frevo”, publicada no *Diário da Noite*, em 09/03/1962, p. 6, argumentou que o samba executado em Pernambuco não chegava aos pés das agremiações congêneres do carnaval carioca. A polêmica entre Aramis e Nelson Ferreira persistiu por alguns dias, indicando que havia, mesmo que às vezes de modo sutil, fortes combates entre os “defensores” do frevo e do samba. As páginas dos jornais pernambucanos, neste sentido, se constituem em excelente indicação do que era discutido ao longo dos anos 1960, 1970 e 1980. Elas também mostravam a força que as escolas de samba reuniam na “terra do frevo”. E a academia? Como reagiu a este processo?

Sucesso e invisibilidade: razões sobre a quase inexistência de textos sobre as escolas de samba pernambucanas

Há um intrigante silêncio em relação a esta expressão cultural que praticamente dominou as páginas dos jornais pernambucanos durante os carnavais dos anos 1950, 1960,

¹⁵ Escola de samba lança desafio. (300 figurantes na Estudantes!). *Diário da Noite*, 08/02/1968, p. 10.

¹⁶ Federação das Escolas de Samba de Pernambuco, Associação das Escolas de Samba de Pernambuco e Federação Carnavalesca de Pernambuco.

1970, 1980 e início dos anos 1990. Se os corações e mentes dos pernambucanos se dividiam entre o frevo e o samba, esta contenda não foi, até hoje, devidamente discutida e debatida nas páginas de livros e artigos acadêmicos sobre o carnaval pernambucano. Aliás, até hoje pouco se escreveu sobre este fenômeno carnavalesco pernambucano. Se o leitor ou a leitora forem atrás de obras que tenham como foco o samba em Pernambuco, não conseguirão encontrar mais do que uma dezena de obras, incluindo os mais recentes trabalhos acadêmicos já citados. O que explica este silêncio?

Certamente, uma boa pista pode ser obtida a partir de uma publicação de 1988, da Prefeitura do Recife sobre os tipos de agremiações existentes no carnaval recifense. Todos os textos sobre as “manifestações culturais da terra” foram escritos pelo jornalista e folclorista Leonardo Dantas Silva, ex-presidente da Fundação de Cultura da Cidade do Recife, ex-diretor da Editora Massangana e influente protagonista do carnaval nos anos das décadas acima citadas. Quase todos os textos alusivos às agremiações de frevo, maracatu, bois, ursos e caboclinhos foram escritos por este jornalista. Adivinhem qual a única modalidade que não teve o seu texto escrito por ele?

É preciso, porém, pensar nas razões que explicam a quase invisibilidade que o samba enfrenta entre os intelectuais pernambucanos. Trata-se da manifestação cultural de maior força entre os recifenses no período já indicado, mas isso não se traduziu em teses, dissertações, monografias e estudos mais aprofundados sobre o tema. Quais as razões que explicam esta quase ausência de trabalhos sobre o samba e as suas agremiações? Exceto pelos artigos publicados e já citados ao longo destas linhas, além das matérias dos jornais locais (muitos dos quais ofensivos ao samba enquanto prática “estrangeira”) quase nada há sobre o samba e as escolas pernambucanas. Isso não significou, entretanto, passividade e inércia dos sambistas que, ao seu modo, souberam buscar espaços em uma sociedade hostil ao samba e as suas escolas. Os sambistas cresceram em número e organização. E souberam buscar atividades legitimadoras. E tiveram ao seu lado o curso dos acontecimentos, que privilegiava o chamado “carnaval espetáculo”, promovendo modificações extremas no formato das diversas manifestações culturais existentes em Pernambuco, a exemplo dos maracatus, troças e clubes de frevo.

Algumas conclusões

As escolas de samba levavam vantagem em relação às demais agremiações, sobretudo por estarem plenamente adaptadas à ideia e ao formato de um carnaval que dispensava a participação do público na forma ativa. E o formato dos carnavais dos anos 1970 foi, pouco a pouco, sofrendo transformações. Bastava que as arquibancadas fossem armadas para que as escolas desfilassem, exibindo toda a sua riqueza, brilho e glamour. Mesmo tendo parte dos intelectuais e jornalistas contrários a sua existência, as escolas de samba recebiam aplausos do público, e ainda hoje disputam espaços no carnaval recifense. Enfrentaram hostilidades diversas. Sofreram acusações, crises econômicas e perseguições. Mas, souberam adaptar-se ao contexto, ora se afirmando como parte da cultura brasileira, ora mostrando-se como prática legitimamente pernambucana. O recrudescimento do carnaval espetáculo bem como as

constantes e anuais transmissões dos desfiles das escolas de samba cariocas serviu para dar uma “ajudinha” às agremiações congêneres pernambucanas.

Ainda há muito por saber. As pesquisas apenas estão começando. O que importa agora é afirmar que no carnaval do Recife não existe apenas o frevo. Há samba de excelente qualidade, que o diga Belo Xis, Boneco de Mola, Roberto Ceguinho e outros ilustres sambistas pernambucanos. Em Recife se samba também!

Referências

ALVES, Bernardo. **A pré-história do samba**. Petrolina: Edição do autor, 2002.

ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Nova Cultural, 1996, p. 31-60. Col. Os pensadores.

BENJAMIN, Roberto Câmara. Samba de carnaval. In: MAIOR, Mário Souto; SILVA, Leonardo Dantas (orgs.). **Antologia do carnaval do Recife**. Recife: Massangana, 1991, p. 335-336.

CABRAL, Sergio. **As escolas de samba do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Editora Lumiar, 1996, 2ª edição.

COSTA, Haroldo. **100 anos do carnaval do Rio de Janeiro**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

COUTINHO, Eduardo Granja. **Os cronistas de momo**. Imprensa e carnaval na Primeira República. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Ecos da Folia**. Uma história social do carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

DINIZ, André. **Almanaque do carnaval**. A história do carnaval, o que ouvir, o que ler, onde curtir. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FERREIRA, Felipe. **Inventando carnavais**. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés em Pernambuco: usos da história na luta por reconhecimento e legitimidade. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 10, nº 19, p. 146-159, 2009b.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Afoxés: manifestação cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma história social dos afoxés. **Esboços**, Florianópolis, v. 16, nº 21, p. 89-110, 2009a.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Entre Pernambuco e a África**. História dos maracatus-nação do Recife e a espetacularização da cultura popular (1960 - 2000). Tese (Doutorado em

História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2010.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros**: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias. Recife, 1930-1945. Recife: Edições Bagaço, 2008.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus-nação**: ressignificando velhas histórias. Recife: Bagaço, 2005.

MAIA, Clarissa Nunes. **Sambas, batuques,vozerias e farsas públicas**: o controle social sobre os escravos em Pernambuco no século XIX (1850-1888). São Paulo: Annablume, 2008.

MOURA, Roberto M. **No princípio era a roda**. Um estudo sobre samba, partido alto e outros pagodes. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. **Samba de enredo**. História e arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

OLIVEIRA, Waldemar. A recriação popular. **Boletim da Comissão Pernambucana de Folclore**, Recife, ano II, Vol. 02, nº 1, 1966.

REAL, Katarina. **O folclore no carnaval do Recife**. 2ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Massangana, 1990 [1967].

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente**. Transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933). Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ Editora da UFRJ, 2001.

SILVA, Augusto Neves. **Quem gosta de samba, bom pernambucano não é?** (1955 – 1972). Recife, UFPE, Dissertação de mestrado em História, 2011.

Recebido em: 15/12/2012

Aprovado em: 20/02/2013